

DA PARRHESIA CÍNICA DO VIS-A-VIS À PARRHESIA AMBÍGUA NOS TEXTOS PATRÍSTICOS: DO CUIDADO DE SI À NEGLIGÊNCIA CONSIGO MESMO

Maria Regina Momesso¹
Roselene de Fatima Coito²

Resumo: Objetiva-se apresentar uma releitura da Aula de 28 de março de 1984, para pensar com Foucault sobre “o dizer a verdade” no momento presente. Parte-se dos estudos sobre o uso e a evolução do termo ‘parrhesia’ dos cínicos aos primeiros textos pré-cristãos, neotestamentários até os textos patrísticos. O Cristianismo marca-se, a partir do século IV ao V, pela clivagem da noção e uso do termo ‘parrhesia’. De um lado, o polo parrhesiástico - face a face com Deus -, pautado no exame de si para decifrar a forma primeira da alma. É a coragem de manifestar a ‘verdade’ mesmo sofrendo martírio. Por outro, o desenvolvimento da antiparrhesia, a relação com a verdade só pode ser estabelecida por meio da obediência e temor a Deus e intermediada pelas estruturas de autoridade, a conduta das almas confiada aos pastores, padres, bispos. Assim temos a parrhesia de confiança arrogante e negligente para consigo mesmo, praticada em discursos vãos com a ausência devida do respeito aos outros.

Palavras-chave: parrhesia; cinismo; pré-cristianismo; história do presente.

OF THE CYNICS PARRHESIA OF THE *VIS-A-VIS* TO AMBIGUOUS PARRHESIA IN THE PATRISTICS TEXTS: TAKE A CARE YOURSELF TO NEGLIGENCE YOURSELF

Abstract: The aim is to present a reinterpretation of the Class of March 28, 1984, to think with Foucault about “telling the truth” in the present moment. What practices do we imbue ourselves with our truths in contemporary times: parrhesia along the lines of cynicism or the multiformity of Christianity? It starts with studies on the evolution of the term ‘parrhesia’: from the Cynics to the first pre-Christian texts, New Testaments to patristic texts. Christianity is marked by the cleavage of the notion and use of the term ‘parrhesia’. On the one hand, the parrhesiastic pole - face to face with God -, based on the examination of oneself to decipher the first form of the soul. It is the courage to manifest the ‘truth’ despite suffering martyrdom, which is close to the cynics’

1 Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (FCLAr, UNESP, Araraquara, SP). Docente permanente do PPG em Educação Escolar (FCLAr, UNESP, Araraquara, SP) – Linha de Pesquisa Sexualidade, Cultura e Educação Sexual, Líder do Grupo de Estudos em Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discurso – GESTELD (UNESP, Bauru, SP/ CNPq).

2 Pós-doutora pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales - Paris - sob a supervisão do Prof. Dr. Roger Chartier. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (FCLAr, UNESP, Araraquara, SP). Professora associada C da Universidade Estadual de Maringá. Líder do Grupo de Pesquisa em Leitura, Análise do Discurso e Imagem (GPLEIADI/UEM/CNPq).

idea of a primitive, stripped and naked life. On the other, the development of antiparrhesia, the relationship with truth can only be established through obedience and fear of God and mediated by structures of authority, the conduct of souls entrusted to pastors, priests, bishops. Thus, we have the parrhesia of arrogant and negligent confidence towards oneself, practiced in vain speeches with the due lack of respect for others.

Key-Words: parrhesia; Cynics; pre-Christianism; history of present.

Considerações Iniciais

As últimas aulas de Foucault no Collège de France (1983-1984) tratam da parrhesia – o dizer a verdade –, ou seja, o falar francamente, apesar de se correr o risco das consequências de esse dizer franco em qualquer circunstância ou tempo. Para Foucault a parrhesia configura-se, então, como ‘a coragem da verdade’ que desde a antiguidade grega clássica as noções de parrhesia se faz numa circularidade até culminar no desenvolvimento de uma parrhesia multiforme no século IV ao V do Cristianismo: de um lado a parrhesia de valor positivo alicerçada na abertura de coração, na presença imediata, no face a face com Deus, em que a relação de ambos estão em estado primitivo e os homens têm plena confiança em Deus, lembra a relação do primeiro homem com seu Criador. Esse lado positivo vai ao encontro com o pensamento dos cínicos de uma vida primitiva, de despojamento e nudez.

Por outro, a parrhesia como confiança em Deus é substituída pelo princípio da obediência trêmula que deve temer a Deus. O homem não se vê mais capaz de, pela abertura de sua alma, elevar-se frente a Deus, pois só poderá conseguir por intermédio das estruturas de autoridade do Cristianismo. Um indivíduo atormentado pela desconfiança em si mesmo, um objeto de vigilância ativa.

O livro ‘A Coragem da Verdade’ é uma compilação do último curso de Foucault. Neste texto apresentamos uma (re)leitura da última aula do curso de 28 de março de 1984. Na **Primeira hora**, o filósofo traz a luz os dois aspectos da vida cínica como vida soberana: a

felicidade e a manifestação da verdade. Segue tratando da prática da vida cínica pautada na conformidade da verdade, no conhecimento de si e na vigilância dos outros que culminarão na transformação de si e do mundo. Finaliza a primeira hora, mostrando a passagem ao ascetismo cristão e as permanências do ascetismo grego, depois alude às diferenças: o outro mundo e o princípio de obediência. A segunda autora deste texto nos apresenta essa (re)leitura da **Primeira hora** nos apresentando sob a perspectiva foucaultiana a parrhesia do cínico na prática e na vida cínica e como esta prática atravessada, no presente, pelo discurso cristão enseja olhar para o outro. Já a **Segunda hora**, Foucault inicia indicando a evolução do sentido e do uso do termo parrhesia nos primeiros textos pré-cristãos, em que a parrhesia se divide nas modalidades humanas e divinas. Logo em seguida, nos apresenta a parrhesia nos textos neotestamentários, seguida nos textos dos Padres e aponta para o desenvolvimento de um polo antiparresiástico, em que o acesso à verdade necessita do conhecimento desconfiado de si e, por fim, trata da verdade da vida como condição de acesso a um mundo outro. A segunda hora será (re)lida pela primeira autora.

AULA DE 28 DE MARÇO DE 1984 - PRIMEIRA HORA. UMA OUTRAÉTICA DO CUIDADO DE SI: A PHARRRESIA

O cinismo é a forma de filosofia que não cessa de colocar a questão: qual pode ser a forma de vida que seja tal que pratique o dizer-a-verdade?

Foucault, *A Coragem da verdade*, 2011.

A aula de 28 de março de 1984, primeira hora, trata da parresia a partir da leitura que Michel Foucault faz de Epitecto sobre os cínicos. O filósofo parte dessa leitura para tratar da parresia pré-cristã, mas nos alerta sobre o fato do desenho feito por Epitecto não ter sido tratado historicamente.

De acordo com Foucault, a vida cínica na prática pregava a soberania sobre si e Diógenes de Sinópe era o grande representante deste modo de vida. Embora Alexandre, o Grande, tivesse uma espécie de simpatia por esse modo de vida, seguia sendo o grande imperador, do qual não renunciava ao que os cínicos propunham, ou seja, aceitar as privações e frustrações, tendo em vista que Alexandre era então “o grande” imperador que conquistou a Grécia e destruiu a população tebana. Dizem que Alexandre, o grande, certa vez disse a Diógenes que se não fosse Alexandre queria ser Diógenes, e na réplica Diógenes lhe respondera: se não fosse Diógenes queria ser Diógenes. Nessa réplica fica claro que Alexandre poderia exercer poder sobre a Grécia e Tebas, mas não na relação que estabelecia com Diógenes, fato este que demonstra que o cuidado de si para Diógenes passava pela prática de liberdade.

Diógenes tinha como modo de vida a parresia manifestada e a se manifestar. Dito de outro modo, para ele, a vida feliz e a prática da verdade manifestada eram aceitação de seu destino, conduzido por Zeus e, ao aceitar o destino, as frustrações e privações eram um exercício de soberania de si sobre si. Estas privações conduziam os cínicos a terem o mínimo como meta. No entanto, este mínimo não significava o desleixo corporal total.

De acordo com Epicteto, na leitura de Foucault, Diógenes era persuasivo porque, mesmo com o mínimo, mantinha seu corpo aseado e sem adornos, o que fazia dele um soberano que persuadia as pessoas, levando-as a questionarem, quando Diógenes e Alexandre passavam entre as multidões, quem de fato era o soberano. Neste sentido, estar aseado e ter um

discurso persuasivo pela forma que Diógenes conduzia sua vida mostrava que sua prática de liberdade era um trabalho de si sobre si. Diógenes, neste sentido, tinha em si o cuidado de si de um homem livre, pois que sua conduta ao manter o corpo aseado era uma forma de conduzir a si e aos outros. Seu corpo aseado e sem adornos também era uma forma de conduzir-se e conduzir com urberdade, a qual se dá como uma prática de liberdade que evidencia uma conduta ética. Ele não renunciava a si e sua prática conduzia ao questionamento de quem de fato seria o soberano, já que é o poder sobre si que vai regular o poder sobre os outros. Este modo de ser lhe confere o poder de uma prática de liberdade que em si mesma é política.

Sendo Alexandre, o grande, imperador, quem de fato imperava era Diógenes, já que todo soberano tem apetites e desejos, os quais se dão como uma forma de controle sobre os outros; a dominação que se dava sobre a margem da liberdade extremamente limitada, um poder que Alexandre, conquistador da Grécia e destruidor de Tebas pretendia sobre todos, não conseguia sobre Diógenes, que, com seu modo de ser e de se conduzir, praticava a resistência sobre o poder que o imperador queria sobre todos.

Nessa proposição de soberania, como prática de si, Diógenes manifestava a parresia numa soberania universal, ou seja, da qual partia uma vigilância sobre si sem o julgamento alheio, porque, para os cínicos, o que importava era o gênero humano. Tendo como preocupação o gênero humano, os cínicos eram discretos com relação à vida privada do outro e propunham que olhar para o outro era olhar para si. Contudo, o cuidado de si, assim também como preconizava Sócrates, que foi, segundo Foucault o filósofo que cuidava dos outros, vem eticamente em primeiro lugar, já que a relação consigo é ontologicamente primária (2004, p.5). Ainda citando Foucault (2004), tratando da questão do filósofo e do homem livre, diz que no pensamento grego a ligação entre filosofia e política são permanentes.

Para o filósofo francês interessa a constituição histórica desses diferentes sujeitos em relação aos jogos de poder, estes tidos como um “conjunto de procedimentos que conduzem a um certo resultado, que pode ser considerado, em função dos seus princípios e das suas regras de procedimento, válido ou não” (FOUCAULT, 2004, p.7), pois quem diz a verdade “são os homens livres” que “se encontram inseridos em uma certa rede de prática de poder”.

Essa era a prática manifestada da verdade, que em si mesma se dá como política, tendo em vista que o governo sobre si permite o governo sobre os outros, já que a “governamentalidade implica a relação consigo mesmo” (FOUCAULT, 2004, p.10). Ainda sobre este prisma, este outro modo ético do cuidado de si dos cínicos encaixa-se no modo em que o conjunto das práticas pelas “quais é possível instrumentalizar as estratégias que os indivíduos, em sua liberdade, podem ter uns com relação aos outros” (FOUCAULT, 2004, p.15). Os cínicos, como fora dito anteriormente, olhavam para o outro sem julgamento, já que ao olharem para o outro, os cínicos estariam olhando não para o indivíduo, mas para o mundo. Essa era uma forma política de os cínicos praticarem sua liberdade.

Ainda de acordo com Foucault (2004, p.20), “no pensamento do século XIX o sujeito político passa a ser pensado como sujeito de direito”, fazendo com que “pareça que o sujeito ético não tenha espaço no mundo contemporâneo”. Nesta nova tecnologia governamental, o que pensar sobre as imagens abaixo?



Fonte: asc.uem.br.

Foto: Numo Rama – Série Humanos – 2001. Disponível em:

https://asc.uem.br/index.php?option=com_content&view=article&id=22515:palestra-exposicao-de-numo-rama-e-destaca-na-jornada-de-estudos-do-texto-e-do-discurso&catid=986&Itemid=211 . Acesso: 20/05/2024 – 09h



Fonte: Folha Uol, 2018.

Foto de Moisés Prado. Disponível em: <https://www.folha.uol.com.br> – 15/08/2018. Acesso 08h.

Nestas imagens vemos o gênero humano em sua maior precariedade. Elas estão dizendo da miséria humana, não como uma vida simples e comedida como propõem os cínicos, mas como a falta total de vida. Como se pode ver, não há a identificação dos indivíduos em si, mas a prática de uma verdade sobre as quais vivem determinados indivíduos que fazem parte do gênero humano. As imagens são a verdade manifestada e a possibilidade da verdade a se manifestar num contínuo do gênero humano.

Essas imagens se tornam o discurso do cínico que tem por função mudar (ou não) a conduta humana, mostrando o que é a verdadeira sociedade, que ela, a sociedade é outra e que a verdade da vida acaba sendo um outro mundo, o das desigualdades sociais, e não o mundo outro. No mundo outro, o qual visa a morte para se livrar da vida de miséria e ir para o paraíso, vem com o cristianismo, o qual vê na precariedade da vida humana, a redenção pela renúncia de si.

Para exemplificar o que fora dito anteriormente, temos a passagem bíblica de Mateus 19, 23-25), a qual atribui a Jesus o seguinte dizer:

Então Jesus disse aos seus discípulos: - Em verdade lhes digo que um rico dificilmente entrará no Reino dos Céus. E ainda lhes digo que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus. Bible. com. Acesso em 18/05/24. Acesso: 9h

Nessa passagem bíblica, vemos uma indevida apropriação do modo de vida dos cínicos para o “conforto”, ou ainda, a conformidade com a pobreza e a miséria, considerando-se a forma pela qual foi traduzida e interpretada. Recuperando o contexto no qual tal suposto dizer fora atribuído a Jesus aos seus discípulos, temos que Mateus fora cobrador de impostos na antiga Galileia e os cobradores de impostos eram mal vistos pela sociedade da época e eram até desprezados. Aqui, a riqueza vista como exploração do outro fora apropriada pelo discurso cristão posterior ao pré-cristão como uma forma de aceitar a miséria porque ela conduziria ao Reino dos Céus, já que a salvação só viria após a morte.

Nas imagens temos estes homens, imagens que ao mesmo tempo remetem à precariedade das vidas e fazem alusão aos beatos, no meio do lixo, com cajados nas mãos, que terão após a morte o Reino dos Céus, porque a miséria beatifica na apropriação que o discurso religioso cristão realizou, sem o contexto devido de tal suposto dizer de Jesus. Os homens apresentados nas figuras 1 e 2 causam compaixão, por sua vida miserável, e asco, por não quisermos ver no outro nós mesmos; nossas desigualdades e o silêncio diante delas. Não nos damos ao direito de nos (re)conhecermos neste outro. A busca se dá na conformidade da nossa vida e da vida alheia, julgando a alheia como o percurso que o outro fez para estar vivendo esta vida. Julgando o outro, nos iludimos e esquecemos de nos conhecermos. Ou ainda, nos espantamos com tal realidade como se dela não fizessemos parte.

O poeta pernambucano Manuel Bandeira, marca em seu poema *O bicho* tal espanto, nos anos 1940, com o seguinte poema:

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava e nem cheirava:

Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão.
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.

Manuel Bandeira. *O bicho*

Disponível em: <https://www.culturagenial.com/poema-o-bicho-manuel-bandeira/> Acesso: 27/05/2024 15h00

Assim como as imagens que vimos, o gênero humano é colocado como um bicho, não por sua escolhida animalidade, mas por sua animalidade lhe atribuída pela sociedade na qual este humano é colocado. Este humano que não consegue ver a si, (re)conhecer-se na miséria, mais que material, humana, na qual se encontra. No poema, a voracidade que o bicho engolia o lixo para satisfazer sua necessidade básica, alimentar-se, coloca-o abaixo de uma “categorização” do cão, do gato e do rato. Essa voracidade evidencia o que não é comedido numa situação de extrema precariedade humana.

Os cínicos, pelo contrário, visavam tudo aquilo que era comedido e para isso, a vida cínica exigia o exato conhecimento de si. Entendendo, como fora dito que ver o outro, sem julgamento, é ver a si, é conhecer-se, nas imagens e no poema acima, temos a possibilidade de nos não (re) conhecermos enquanto gênero humano. Não nos colocamos diante da vida nesta verdade manifestada. Não zelamos nem por nossa alma e nem por nosso pensamento, quando o outro não nos interessa e quando não nos vemos no outro, sem julgamentos. Não há uma mudança de conduta. De acordo com Peter Sloterdijk:

Diógenes não tinha nada, vivia na rua, mendigava por comida, dormia em um tonel. Seus únicos pertences eram um cajado, uma bolsa e um manto e por vezes um companheiro canino. Esta era a sua escolha e não o lugar em que a sociedade da época o colocara. Era um conhecimento de si por si mesmo, e por ser uma escolha própria, podia viver uma vida não dissimulada, sem esconder nada de ninguém. Os cínicos, e consequentemente Diógenes de Sínope, tinham o privilégio de chamar as coisas pelo seu verdadeiro

nome. O parresiasta era aquele que unia mente e corpo, teoria e prática, fala e existência (2015, p. 203).

Crítica da Razão Cínica.

Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2015/06/24/os-cinicos-a-coragem-da-verdade/https://razaoinadequada.razão>. Acesso em 13/05/2024. 10h45

Vemos nesta verdade de Diógenes, a qual a sociedade cristã coloca o miserável, o seu grande perigo; o perigo do não questionamento, do estabelecimento do *status quo* social e uma forma de corrermos o risco de não nomearmos as coisas pelo seu verdadeiro nome. Para os cínicos não existe filosofia em que a teoria e a prática não sejam modos de existência. Segundo Sloterdijk,

...Numa cultura em que os idealismos empedernidos fazem da mentira a forma de vida, o processo da verdade depende da existência de pessoas suficientemente agressivas e livres para dizer a verdade (2015, p.155)

E continua o autor,

A fala carrega nossa hipocrisia. Nossos gestos estão afastados do que somos. Este é o problema: teoria *versus* prática. É mais fácil falar do que fazer. Somos quem somos ou dizemos que somos? Não acreditamos nos outros, mas...e em nós mesmos? Acreditamos ter a verdade... mas e a coragem da verdade?...

Os cínicos eram encarregados de denunciar toda falta de sentido da vida ateniense (2015, p. 203)

Crítica da Razão Cínica.

Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2015/06/24/os-cinicos-a-coragem-da-verdade/https://razaoinadequada.razão>. Acesso: 13/05/2024. 11h00

Ainda na esteira de Foucault, para os cínicos, a ascese alimentar é mais importante que a ascese sexual. No entanto, nas imagens e poema acima, não se trata de uma ascese alimentar, tal qual preconiza o ascetismo cínico,

porque não é o gênero humano comedido em sua fome o que diz a imagem e o poema, mas sobre miséria humana total, deste “sujeito de direito”. E como já fora dito, o cristianismo primitivo apresenta o desapego à matéria como uma forma de transcendência ao outro mundo e não ao mundo outro. Se para os cínicos, a alimentação deveria ser comedida e com prazer, no ascetismo cristão, o equilíbrio não existe, porque toda e qualquer forma de prazer deve ser banida.

De acordo com Foucault, no livro II, conversação 22, de Epicteto, a convergência entre o ascetismo cínico e o ascetismo cristão se deve a apropriação da proposição cínica para outros fins. Por isso, o filósofo diz haver uma certa convergência entre ambos, como na passagem que vimos de São Mateus, o qual se lhe atribui ser o autor do Evangelho dos Hebreus. De acordo com Bible.com (s/d), como Mateus fora o coletor de impostos do povo hebreu para Herodes Antipas, o tetrarca da Galileia, e ao se tornar discípulo de Jesus, vê nos judeus que enriqueciam desta maneira como verdadeiros párias e os judeus que desta maneira enriqueciam eram desprezados. Somente, depois de se arrepender e se tornar discípulo de Jesus, Mateus lhe atribui este dizer.

Para a vida ascética, o cínico deveria ser aquilo que ele pregava, ou seja, a conduta em conformidade com o discurso, não poderia roubar e deveria manter o asseio corporal, tendo em vista que a sujeira e a feiura não seriam mecanismos de persuasão ao discurso e ao modo de vida preconizado pelos cínicos. Por isso, Epicteto se colocava contra o exagero de desapego total do cínico. Disso também, se apropria o ascetismo cristão, mais intensamente nos séculos III e IV, segundo Foucault, temas que se relacionam ao convívio social, em que há uma hierarquia social que deve ser seguida e respeitada. Para isso, o filósofo francês cita o caso do abade Teodoro de Fermes que recebe a visita de um poderoso, sendo por este repreendido pelo fato de estar com os ombros e

peitos nus, mostrando, o poderoso, que não se deve ser indiferente à opinião dos outros e nem às estruturas do poder e a seus representantes. Assim também, Gregório, O Grande, discrimina São Bento encontrado numa caverna vestido com pele de animal, relacionando tal fato à bestialidade e animalidade do Santo.

Diante das duas imagens e do poema que dizem da precariedade no gênero e do gênero humano, o que poderíamos nos dizer hoje?

Se a prática da verdade se dá à custa de uma mudança e alteração completa na relação que temos conosco, no ascetismo do cínico, esta relação se dá no ver no outro a si mesmo, neste retorno de si para si, de uma forma que a nossa expressão não seja metafísica no sentido de entender o servir a Deus como uma obediência a Ele e aos outros, assim como propõe o dizer a verdade na experiência cristã, a experiência com o outro mundo e não com o mundo outro.

O mundo outro nos mostra a sua verdade nas imagens, sendo que na primeira o corpo que está no lixão cria uma atmosfera dos beatos tidos como profetas, os ermitões que carregam na sujeira e na feiura um modo outro de persuadir, o modo cristão da total abstinência à matéria. Ao mesmo tempo, a imagem nos diz dessa sujeira e dessa feiura como não nos vemos e não nos reconhecemos neste outro, porque numa sociedade embalada na meritocracia, julga-se este outro para que não nos reconheçamos nele. Isso fica mais nítido ainda na segunda imagem, em que duas espécies disputam o alimento no lixão: a ave e o homem.

A segunda imagem nos diz de uma animalidade que se coloca no mesmo “pé de igualdade”. Não, não é a bestialidade atribuída a São Bento que se isola por vontade própria e que faz de sua vida, uma vida de abstinência total; a renúncia. Não, este outro homem, com uma foíce nas mãos, mostra, por meio da imagem, a desobediência ao sistema, talvez não por vontade própria, mas onde o sistema o colocou. Estaria ele pronto para o outro mundo

já que se encontra no mundo outro? Seriam estes homens soberanos de si?

Esta sociedade nega o gênero humano para que o mesmo não saiba que o soberano dela é o soberano de cada um. Nesta negação do gênero humano, o discurso da parresia pré-cristã se desencadeia em algumas nuances que “desaguam” em discurso antiparresiástico, como veremos na segunda hora da aula de 28 de março de 1984.

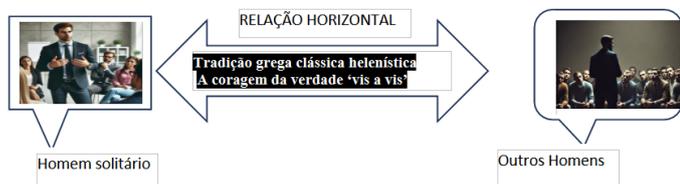
AULA DE 28 DE MARÇO DE 1984 - SEGUNDA HORA. A PARRESIA PATRÍSTICA: DA FUNÇÃO POSITIVA AO POLO ANTIPARRESIÁSTICO.

Foucault (2011), na segunda hora da aula de 28 março de 1984, continua tratando do discurso-pensamento sobre a noção de parresia nos textos patrísticos. Propõe, para tanto, fazer três problematizações: 1^a) o uso da palavra parresia nos primeiros textos pré-cristãos advindos dos meios judaico-helenísticos, tomando por base duas versões da Bíblia: uma em Filon de Alexandria e a outra a versão dos Setenta ou também denominada como “Septuaginta”³, esta conhecida como a primeira versão da Bíblia hebraica para o grego, iniciada a partir do século III a.C. em Alexandria e datada do séc. II d.C., a qual teria sido feita por setenta e dois judeus sábios de Israel - pertencentes a seis tribos - a pedido do rei do Egito. A “Septuaginta”, na contemporaneidade conhecemos pela denominação de Antigo Testamento; 2^a) o conceito de parresia na literatura neotestamentária e a 3^a) a parresia na literatura patrística e da ascética cristã dos primeiros séculos.

Partindo da primeira problematização, Foucault (2011) nos mostra que o uso do

3 Consultar VATTIONI, Francesco. Septuaginta. In: Storia del testo bíblico: L'origine dei LXX, in *Annali dell' Instituto Universitario Orientale di Napoli*, vol. 30, 1980, p. 115-130. Ou acessar: História da Tradução da Bíblia. In: Site Sociedade Bíblica do Brasil. Disponível em: <https://www.sbb.org.br/historia-da-biblia-sagrada/historia-da-traducao-da-biblia> Acesso: 03/10/2024.

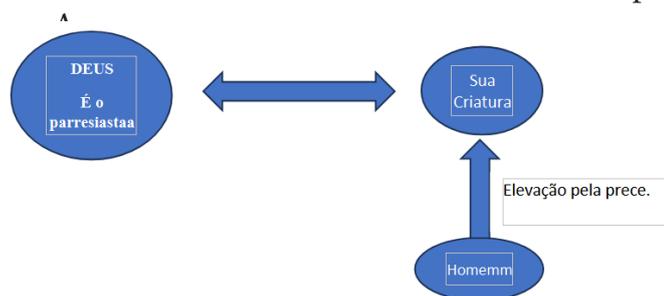
termo *parresia* surge em três acepções. A primeira aproxima-se da tradição grega clássica e helenística, pois ‘dizer-a-verdade’ é possuir a coragem, a ousadia e é uma consequência de uma pureza de coração, em que se poderia dizer coisas úteis para todos. Conforme esquema abaixo:



A coragem da verdade nos textos pré-cristãos judaico-helenísticos mantém essa relação horizontal, pois é um dizer sobre coisas úteis a todos, expressado por parte de algumas pessoas que possuem a pureza de coração, a ousadia e a nobreza da alma.

Na segunda compreensão, o sentido de *parresia* distancia-se da relação *vis-a-vis*. Esta relação horizontal é substituída por uma relação vertical, em que o indivíduo deve elevar-se à Deus possuído de integridade de coração para poder abrir-se para ele. A relação vertical imprime um processo de movimento para o ser *parresiasta*: ao abrir-se com a pureza de seu coração, tal ação o faz elevar sua alma a Deus. Uma das dinâmicas para *started* esse movimento *parresiático* é a oração (a prece) que o levará a poder manifestar-se em sua verdade e levá-la a Deus. Foucault (2011) observa que nos textos de Filon de Alexandria e na versão dos Setenta mostram esse uso termo modificado, a *parresia* assume uma modalidade divina da relação do homem com Deus: plena e feliz. Caracteriza-se pela abertura de coração, a transparência da alma diante de Deus, como no esquema a seguir:

A verdade é um Dom de Deus, manifestado por



A *parresia* faz-se como uma propriedade, uma qualidade: um dom de Deus. É a manifestação da coragem da verdade que se expressa na articulação da voz da sabedoria de Deus. Mas também, pode ser a “presença de Deus”, para a qual o homem irá apelar em casos de injustiça ou infelicidade. Nesse sentido, a acepção de *parresia* distancia-se do discurso-pensamento grego, não é mais a coragem a ousadia do “homem só”, que se arrisca ao dizer-a-verdade ‘vis-a-vis’. A *parresia* assume o sentido do “dizer-a-verdade” que é o próprio “Deus Todo Poderoso”. É o Deus força de verdade que pode se expressar tanto por meio da Bondade e Sabedoria quanto pela Cólera. É a expressão do Todo Poderoso para o homem que tem a capacidade de elevar-se a Deus. É uma atitude corajosa de quem prega o evangelho, ou uma virtude apostólica, como forma de confiança geral dos cristãos em Deus.

A canção católica, cantada em muitas missas no Brasil intitulada ‘Senhor, Quem Entrará’ do compositor Monsenhor Jonas Abib e comumente interpretada pelo Padre Zezinho, resgata esse discurso-pensamento do Deus *parresiasta*: “Eu sou a verdade, o caminho, a luz”.

A letra inicia-se com a pergunta “Senhor, quem entrará no santuário para te louvar?” E a resposta primeira: “Quem tem as mãos limpas e o coração puro...”. A partir da resposta divina, a segunda estrofe da música parece fazer esse homem apelar para o sentido de *parresia* exemplificado por Foucault (2011) citando os *Provérbios* presente na versão dos Setenta, em que o homem só que consegue orar a partir de uma consciência pura é capaz de *parresia*. Na canção esse homem apela: “Senhor, eu quero entrar no santuário pra te louvar/ Ó dá-me mãos limpas, e um coração puro/ Arranca a vaidade, ensina-me amar” Por fim, a terceira estrofe parece ter a “*parresia* de Deus, a presença transbordante de Deus, é Sua presença de certo modo pletórica que é designada pela *parresia* (FOUCAULT, 2011, p.288):

Teu sangue me lava, Teu fogo me queima
O Espírito Santo inunda meu ser
Teu sangue me lava, Teu fogo me queima
O Espírito Santo inunda meu ser

O sentido de *parresia*, na terceira interpretação, é observado por Foucault (2011) na ascética cristã dos primeiros séculos até mais tarde. Assim a noção de *parresia* torna-se ambígua: possui valor positivo e negativo. Até certo ponto a *parresia* vai retomar e implicar a noção advinda da tradição grega clássica, quando o homem se eleva a Deus, é tomado pela coragem da verdade do indivíduo virtuoso que se volta para os outros na tentativa de resgatá-lo de seu erro e fazer emergir a verdade.

O uso do termo *parresia* nesse sentido tem valor positivo, pois não é apenas uma virtude corajosa de pregar o evangelho frente aos seus perseguidores, mas é a capacidade de confiar em Deus, na salvação, na bondade e na escuta desse Deus. É como o mártir que na relação com os outros homens têm a capacidade de expressar-se, inclusive sob martírio ou sob algum tipo de sofrimento. Tem-se aqui o aspecto positivo do *vis-a-vis* entre Alma (Criatura) e Deus (Criador- Todo Poderoso), que só pode se dar na medida em que o homem esteja em Confiança em Deus. Tem-se aqui também uma virtude ponte: ao mesmo tempo é a atitude do bom cristão em relação aos homens e seu modo de existir em relação a Deus. Logo, pode-se dizer que temos a seguinte equação dessa *parresia*: a somatória de uma atitude virtuosa e consciente somada a fé que terá como resultado a Confiança em Deus.

Na contemporaneidade brasileira, pode-se dizer que essa função positiva da *parresia* pode ser encontrada na figura do Padre Júlio Lancellotti da cidade de São Paulo. Pároco da igreja de Miguel Arcanjo no bairro da Mooca tem incomodado políticos, pessoas diversas, empresários por defender com veemência as suas ações sociais com moradores de rua de São Paulo.

O sacerdote coloca em prática o discurso-pensamento da *parresia* com Deus, permeada pela abertura de coração, na Confiança em

Deus, na Salvação, na bondade e na escuta desse Deus. Suas práticas discursivas e não-discursivas incomodam a tal ponto de sofrer ameaças de morte; processos diversos; tentativa de políticos como o vereador paulistano Rubinho Nunes em propor à Câmara dos vereadores a chamada “PL da fome” que previa multa de 18 mil a quem alimentasse pessoas em situação de rua e outros tipos de necessitados como a população da cracolândia.

Na semana que antecede as eleições de 2024 para prefeitura de São Paulo, o padre vestindo uma blusa preta com a frase escrita em branco “Seja gentil” em diversas línguas, exerce seu discurso-pensamento *parresiástico* de valor positivo em um post em seu instagram, cuja transcrição de sua fala no vídeo segue abaixo:

Neste domingo teremos eleições. Neste domingo é o momento de atendermos o apelo: Seja Gentil! Vote pensando nos pobres, nas pessoas em situação de rua, nas mulheres abandonadas, na proteção do meio ambiente e dos animais. Vote pensando no irmão que está jogado na rua e que não pode ser demonizado, nem maltratado, nem tratado com violência. SEJA GENTIL de todas as formas, em todas as línguas e no teu voto também.



Fonte: linkme.bio/institutogas

Voltando à questão da ambiguidade da *parresia* na ascética cristã, à medida que o cristianismo vai intensificando-se na vida e na prática dentro das instituições, o princípio da obediência trêmula e temerosa insere-se na relação consigo mesmo como na relação com a verdade, aquela relação de confiança em Deus

na salvação, na escuta de Deus baseada na abertura da alma para com Deus vai tornando-se obscura e a parresia confiança é substituída parresia obediência.

O homem, então, deve reconhecer a vontade de Deus, deve submeter-se ao Todo-Poderoso ou à submissão à vontade dos que representam a Deus. Assim, surge o desenvolvimento da desconfiança em relação a si mesmo, abre-se espaço para a regra do silêncio a partir do século IV. Com isso o cristianismo assume estruturas de autoridade pelas quais o ascetismo individual embute-se nas estruturas institucionais como as do cenobitismo⁴ e o monacato coletivo⁵. Por outro lado, surgem as práticas do pastorado pelas quais a conduta das almas vai ser confiada a pastores, padres ou bispos.

“Vigiai e orai” passa a ser a máxima, assim, o homem não é capaz por si só de conseguir se salvar, não tem mais a capacidade de estar face-a-face com Deus, a qual poderia fazê-lo encontrar sua existência primeira. Ele passa a ser para si e para os outros um objeto de desconfiança e de vigilância escrupulosa. Sozinho a única coisa que poderá encontrar é o mal. A parresia é um comportamento censurável, de presunção, de familiaridade e de confiança em si mesmo. Inicia-se, assim, o desenvolvimento de uma antiparresia. A parresia passa a ter um valor negativo. O ‘dizer-a-verdade’ um chama de fogo ao vento que se torna forte e faz com que tudo a sua volta fuja e aquilo que não tem como evadir-se é abatido, morto. O primeiro aspecto negativo é que a parresia torna-se uma negligência para consigo mesmo, um distanciamento do que era o ocupar-se consigo mesmo da cultura do cuidado de si, visando a transformação do sujeito. O segundo aspecto coloca a parresia como multiforme, pois ela surge por meio da palavra, do olhar e do toque. Ela leva a discursos vãos, a falar de coisas mundanas, pode levar a distração. A parresia surge como

falta de respeito necessário e devido aos outros. Portanto, onde há a parresia, não poderá haver a obediência a Deus. Esse polo antiparresiástico funda a tradição ascética, ou seja, a relação com a verdade só pode ocorrer na obediência e no temor a Deus.

Foucault (2011) conclui que o desenvolvimento de um polo antiparresiástico foi a base do desenvolvimento de todas as instituições pastorais do cristianismo. Tal fato, modificou fundamentalmente a concepção advinda do ascetismo antigo, que primava simultaneamente a busca da verdadeira vida e a vida de verdade.

Ao nos voltarmos para o momento presente e nos perguntarmos quem nos tornamos hoje? Que tipo de “parresia” nos identificamos? A que polo parresiástico buscamos pertencer?

Acoragem da verdade, o-dizer-verdadeiro se faz presente em nosso(s) discursos-pensamentos frente aos desafios que nos toca a cada dia: a infocracia, a desumanização, a destruição ambiental, as guerras no oriente médio e etc.? As respostas são complexas, contraditórias e perturbadoras, pois aparentemente vivemos no limbo da coragem da verdade. Poderíamos dizer que vivemos na fantasia ou na simulação da ‘coragem da verdade’ que se transveste em práticas discursivas de *fake news* e *fake ethics* em que o cuidado de si e uma ética da existência são hologramas de desejos e fingimentos de podermos ser humanos.

Considerações finais

Baseando-nos, então, na primeira e segunda horas da aula de 28 de março de 1984, Foucault, não só como grande filósofo, mas também filólogo, nos permite ver o presente a partir do que trata sobre a coragem da verdade; primeiro, a praticada pelos cínicos nos seus modos de vida, e, segunda, a proposta no pré-cristianismo quando verticaliza a relação que o homem tinha para com ele mesmo e para com os outros homens e volta-se para a relação com Deus.

4 Monges que levam a vida austera e muito retirada.

5 Prática da abdicação dos objetivos comuns dos homens em prol da prática religiosa.

Na primeira hora, vimos como a teoria e a prática dos cínicos se coadunavam com governo de si sobre si mesmo enquanto uma prática de liberdade que tinham diante do poder de Alexandre, o grande. Esse governo de si sobre si mesmo passava pela questão de que é possível viver comedidamente, com asseio, sem julgamentos alheios, como uma escolha própria deste modo de vida, pois o que importava aos cínicos é o gênero humano. Ao se importarem com o gênero humano, estabeleceu-se entre os homens o (re)conhecimento de uns nos outros, sem hierarquias. No entanto, esse (re)conhecimento se perde e se confunde quando atravessado pelo discurso que se inicia no pré-cristianismo e mesmo no cristianismo sedimentado ao longo dos tempos.

Então, na segunda hora, quando Foucault realiza uma escavação filológica do termo neste período pré-cristão, evidencia os movimentos da parresia, que passa da horizontalidade dos homens entre si para a verticalidade do homem, principalmente, para com Deus. Se nos cínicos havia a verdade manifestada no *vis-a-vis*, no pré-cristianismo a verdade vem como uma manifestação divina, que se volta eminentemente para a verticalização da relação do homem para com Deus. No eixo desta verticalização estão a hierarquia e a obediência, tanto para com Deus como para com os outros homens. Perde-se o governo de si; renuncia-se a si em nome do governo do outro. Portanto, nas nuances que vão sendo traçadas na manifestação da verdade, ora como uma prática de polo positivo, ora como negativo, instaura-se, no jogo das práticas discursivas das sociedades contemporâneas, um campo antiparresiaístico e, ao mesmo tempo, num jogo de simulações parresiaísticas, as quais são deflagradas na história do presente.

Referências Bibliográficas

BANDEIRA, Manuel. O bicho. In: <https://www.culturagenial.com/poema-o-bicho-manuel-bandeira/> Acesso: 27/05/2024 15h00.

Bible.com. Acesso em 18/05/24 – 9h

FOUCAULT, Michel. “A ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade”. In: Ditos & Escritos V- Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense- Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. “Aula de 28 de março de 1984 – Primeira hora”. In: A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II. Curso do Collège de France (1983-1984 – Michel Foucault). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. “Aula de 28 de março de 1984 – Segunda hora”. In: A coragem da verdade: o governo de si e de outros II. Curso no Collège de France (1983-1984 – Michel Foucault) Tradução Eduardo Brandão - São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2011.

PRADO, Moisés. Lixão de Iguatu – CE – In: <https://www.folha.uol.com.br>. 15/08/2018 – Acesso: 08h.

RAMA, Nuno. Série Humanos - 2001. In: https://asc.uem.br/index.php?option=com_content&view=article&id=22515:palestra-exposicao-de-nuno-rama-e-destaca-na-jornada-de-estudos-do-texto-e-do-discurso&catid=986&Itemid=211 . Acesso: 20/05/2024 – 09h

VATTIONI, Francesco. “Septuaginta”. In: Storia del testo bíblico: L’origine dei LXX, in Annali dell’Istituto Universitario Orientali di Napoli, vol. 30, 1980, p. 115-130.

SLOTTERDIJK, Peter. Crítica da Razão Cínica: In: [https://razaoinadequada.com/2015/06/24/os-cinicos-a-coragem-da-verdade/https://razaoinadequada.razão](https://razaoinadequada.com/2015/06/24/os-cinicos-a-coragem-da-verdade/). Acesso: 13/05/2024. 10h-40 -11h00

Submissão: outubro de 2024.

Aceite: dezembro de 2024